

O *Künstlerroman* da Literatura Brasileira: Clarice Lispector e seus personagens artistas

Mariana Silva Bijotti⁵⁹

Resumo

Essa comunicação tem como objetivo elucidar um breve panorama sobre meu atual projeto de Mestrado. A presente pesquisa se desenvolve, sobretudo, a partir da teoria de Herbert Marcuse a respeito do *Künstlerroman* – o romance de artista. Em sua tese de doutorado, o teórico dissertou sobre os romances alemães que apresentavam artistas como personagens, definindo, também, o que seria, para ele, o artista: um sujeito que decide permanecer à margem da sociedade. Na prosa brasileira, Clarice Lispector se destaca por inserir, em grande parte de suas obras, alguns personagens artistas que parecem seguir a caracterização desse sujeito elaborada por Marcuse: G.H., de *A paixão segundo G. H.*, é uma escultora; a personagem de *Água viva* é uma pintora; Rodrigo S. M., de *A hora da estrela*, é um escritor; o Autor de *Um sopro de vida* também é um escritor e possui uma personagem, Ângela Pralini, que mostra grande interesse pelo mundo das artes. Após realizar esse levantamento, optou-se por focar a análise da dissertação no romance *A paixão segundo G.H.*, por ele ser o primeiro que traz uma artista propriamente dita na narrativa. Além disso, outra análise feita na dissertação é a da personagem Joana, de *Perto do coração selvagem*, apesar de ela não adotar tal profissão explicitamente. No entanto, essa personagem, além de apresentar certo interesse pela arte da escrita, também apresenta características fundamentais que constituirão as personagens futuras da autora – por exemplo, a própria G.H., permitindo, assim, certa análise comparativa entre essas duas personagens. Por fim, outro texto imprescindível para análise do tema é "O artista perfeito", uma crônica de Clarice na qual ela caracteriza o artista de forma semelhante à definição de Marcuse, sendo, portanto, essencial para justificar o tema no conjunto literário da autora.

Palavras-chave

Clarice Lispector, *Künstlerroman*, arte, personagens artistas

59 Mestranda do programa de Pós-graduação em Literatura Brasileira do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (FFLCH – USP), sob orientação da Profa. Dra. Simone Rossinetti Rufinoni. É bolsista CNPq. E-mail: marianasilvabijotti@hotmail.com

Em sua tese de doutorado intitulada "Der deutsche Künstlerroman" ("O Romance de Artista Alemão") Herbert Marcuse defendeu que haveria um tipo de romance que mereceria atenção: o que ele chamou de *romance de artista*, aqueles nos quais se encontram ou uma formação da subjetividade artística ou apenas a trajetória de personagens que já se apresentam como artistas. Com isso, Marcuse define a condição essencial desse sujeito: ele possui um estilo de vida peculiar, em oposição aos indivíduos em geral – os quais, por sua vez, seguem, cada qual à sua maneira, as determinações sociais. O artista não encontra satisfação na sociedade que o cerca, com todas as limitações e regras que ela impõe; portanto, ele permanece à margem, em solidão contra essa realidade. Assim, em resumo, apenas quando o artista reconhece a impossibilidade de viver conforme as demandas sociais, decidindo transgredi-las, é que ele consegue se afirmar como tal – e é apenas nessas condições que o *Künstlerroman* existiria.

Trazendo esse tópico para a literatura brasileira, é possível encontrar uma autora que parece ter refletido sobre a condição do artista de forma semelhante à definição elaborada por Marcuse. Clarice Lispector, em sua crônica "O artista perfeito", argumenta que o artista é justamente o ser que conhece os males do mundo e decide negá-lo, opondo-se a ele, tornando-se conscientemente inocente como forma de se purificar e de se libertar da sociedade coercitiva. Clarice reforça a importância do ato de *tornar-se*: ninguém nasce artista – ou se educa para virar um –, mas torna-se um a partir do conhecimento do mundo e de sua consequente negação, tornando-se, assim, liberto, purificado e inocente. Por isso, diz Clarice, a diferença entre a "arte" das crianças e a arte de Picasso: as crianças, mesmo que também inocentes, estão, ainda, experimentando o mundo; Picasso já o experimentou e escolheu pelo caminho oposto ao da civilização atroz, entregando-se à arte, escolhendo ser inocente.

Além dessa crônica de Lispector, nota-se que por toda a obra da autora a figura do artista será muito presente: em *A paixão segundo G.H.*, G.H. é uma escultora; em *Água viva*, tem-se uma pintora; em *A hora da estrela*, Rodrigo é um escritor; e, em *Um sopro de vida*, há um escritor, o Autor, e sua personagem, Ângela Pralini, que também se envolve no mundo das artes. Nesta pesquisa, o foco se dá na análise do romance *A paixão segundo G.H.*, por ser o primeiro romance que de fato apresenta uma personagem artista.

Antes de adentrar propriamente na análise de G.H., foi feito um estudo de outra personagem que, apesar de não ser artista, parece apresentar certa disposição para a arte, além de apresentar as características do artista que foram citadas por Marcuse e Lispector – e que aparecem nos protagonistas dos romances posteriores da autora. Em *Perto do coração selvagem*, Joana se apresenta como uma mulher que, desde a infância, faz poemas e brinca com as palavras. Contudo, seu destino na obra não a apresenta como artista; apesar disso, o leitor se depara com a trajetória da menina Joana até sua vida adulta, culminando em uma viagem misteriosa após todas as suas libertações daquilo que era imposto ao sexo feminino: o casamento, a maternidade e a vida recatada voltada ao lar.

Após uma infância conturbada, solitária e introspectiva, com a morte precoce de seus pais e tendo de ir viver com uma tia que a considerava uma criança má, Joana cresce e acaba se entregando ao casamento, apesar de nunca ter desejado isso de fato.

Entretanto, o casamento com Otávio abre margem para Joana transgredir esses papéis sociais da mulher. Quando descobre que ele está a traindo com Lídia – uma mulher que obedece as regras de dedicar sua vida ao marido, ao lar e à maternidade – e que terá um filho com ela, Joana também conquista um amante – o qual, aliás, acha certo divertimento em vê-la criando palavras, frases e histórias, ao contrário de Otávio –, separa-se do marido e decide fazer uma viagem solitária em busca do autoconhecimento e do conhecimento do mundo. Tal viagem, que encerra a obra inaugural de Clarice, é misteriosa ao leitor, pois não é possível saber os rumos de Joana após todas essas suas transgressões.

No que concerne essa indefinição final da protagonista Joana, Cristina Ferreira Pinto analisa como esse aspecto está relacionado à própria posição social da mulher escritora, principalmente nos séculos XIX e XX: por ainda não haver uma tradição literária feminina consolidada e pelo fato dos romances que tratavam de protagonistas mulheres estarem, até então, ilustrando-as em seus papéis sociais de mães e esposas, as próprias escritoras pareciam ser incapazes de imaginar e traçar o destino de suas personagens femininas que fugiam a essas regras – a não ser que esse destino fosse marcadamente negativo, como a morte.⁶⁰ Todavia, a autora enxerga o destino de Joana, mesmo que desconhecido, como positivo: "no romance de

60 PINTO, Cristina Ferreira. *O Bildungsroman feminino: quatro exemplos brasileiros*. São Paulo: Perspectiva, 1990, pp. 9-32.

Lispector essa viagem indica a possibilidade de vitória, de conquista e afirmação do EU pela protagonista".⁶¹

Anos depois, Clarice escreve um romance com uma protagonista artista que parece, de fato, ter um destino mais definido e, de certa forma, também positivo, mesmo desobedecendo às imposições sociais: *A paixão segundo G.H.*. Nesta obra, G.H. parece ter alcançado tudo o que Virginia Woolf determinou como necessário para a mulher poder seguir o caminho das artes: tempo livre, dinheiro e um quarto (no caso de G.H., todo um apartamento – uma elegante cobertura) só para si.⁶² G.H. é uma escultora, ou seja, tem ao menos o que parece ser uma profissão que não a deixa engessada no lar e na maternidade – vale mencionar, ainda, que G.H. parece ter realizado um suposto aborto, como conta na narrativa; ou seja, ela escolhe não ter filhos. Segundo ela, para uma mulher, essa sua posição é "socialmente muito, e situou-me, tanto para os outros como para mim mesma, numa zona que socialmente fica entre mulher e homem"⁶³, uma vez que ela parece estar em um patamar diferente da mulher que segue as imposições sociais: ela é independente e livre – tudo aquilo que Joana parece buscar com sua viagem –, papéis ainda novos para a mulher na sociedade patriarcal. Dessa forma, a arte da escultura parece ser o meio pelo qual a protagonista se eleva a esse novo estatuto.

Mesmo parecendo estar mais perto do que Marcuse e Clarice definiram ser o artista, já que G.H. está fora dos parâmetros sociais destinados à mulher, parece que ainda lhe faltava certo conhecimento dos males do mundo para poder, enfim, libertar-se dele, purificando-se e tornando-se conscientemente inocente – retomando as condições descritas em "O artista perfeito". G.H., no início da narrativa, diz se encaixar no padrão da elegante vida burguesa, em sua cobertura que a permitia ter a sensação de domínio sobre o mundo. Parece ser, então, justamente esse conhecimento de mundo que falta para a protagonista poder se tornar uma artista efetivamente indissociada da sociedade. E parece ser isso que ela enfrentará em sua experiência: a partir do conhecimento do outro, simbolizado pela empregada Janair e o desenho que ela deixa na parede e, depois, pela barata, G.H. irá enfrentar uma travessia de conhecimento de si própria e da civilização que a cerca.

61 Ibid., p. 87.

62 WOOLF, Virginia. "Mulheres e ficção". In: FRÓES, Leonardo (org). *O valor do riso e outros ensaios*. São Paulo: Cosac Naify, 2014, p. 283.

63 LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo G.H.*. Rio de Janeiro: Rocco, 2009, p. 25.

O relato da experiência de G.H. parece ser narrado com influência de sua arte. Em uma escrita que parece progredir e regredir, para depois tentar progredir de novo, dando voltas em si mesma, em uma espécie de moldar e desmoldar das palavras, G.H. tece um movimento que parece ser o de esculpir. Nessa sua escrita escultórica, G.H. tenta, à sua maneira, dar forma à vivência que tanto precisa compartilhar com o leitor, parecendo criar esculturas verbais dos elementos que vê – como a barata, o rosto de Janair e a mão do leitor. A éfrase, aqui, pode ser o elemento que permite justamente essa predominância da arte do espaço – a escultura – na arte do tempo – a literatura.

O futuro de G.H. parece ser, de certa forma, mais preciso que o de Joana: a estrutura circular, repetitiva e fechada da obra, com os doze travessões que a abrem e a encerram, parece insinuar que G.H. viverá para sempre às voltas com sua experiência e com a ruptura possivelmente irreparável que ela provocará, não podendo nunca esquecer-la ou ignorá-la, e podendo, até, ser constantemente revivenciada pela protagonista.

Portanto, pode-se notar, com o breve estudo dessas obras clariceanas e à luz dos textos de Marcuse e da própria Clarice sobre o tema, como a travessia do artista parece ser sempre árdua e incessante. Por um lado, Joana, a artista (ainda) não formada como tal, deve abrir mão da vida pré-estabelecida à mulher para poder viver com sua tão desejada solidão, a fim de buscar certo conhecimento de si e do mundo, essenciais ao sujeito que deseja *tornar-se* artista. G.H., por sua vez, mesmo já tendo essa liberdade que Joana procura, ainda precisa desvencilhar-se de suas comodidades burguesas para poder conhecer uma outra faceta do mundo: os males da civilização. Em *Água viva*, *A hora da estrela* e *Um sopro de vida*, romances posteriores nos quais os artistas parecem estar finalmente libertos, purificados e inocentes após o conhecimento e a negação do mundo, o leitor se depara ainda com outros obstáculos e outras complexidades que parecem perturbar a vida desse sujeito – por isso a necessidade, como apontou Marcuse, de se estudar essas obras tão presentes não apenas na literatura alemã: a vida do artista parece nunca alcançar certa serenidade. Em um mundo cada vez mais obcecado pelo utilitarismo, faz-se necessário que alguns sujeitos extravasem as condições pressupostas pela sociedade, libertando-se, assim, da alienação resultante da civilização moderna – e podendo, quem sabe, libertar os outros, os espectadores de suas artes. Tal sujeito, o artista, tem um lugar definido – ou melhor, um não lugar, já que ele permanece fora dos padrões

estabelecidos – na sociedade: o de elevar o papel da arte como forma de resistência e libertação.

Referências Bibliográficas

AMARAL, Emília. *O leitor segundo G.H.: uma análise do romance A paixão segundo G.H., de Clarice Lispector*. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.

LISPECTOR, Clarice. "O artista perfeito". In: *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

_____. *Água viva*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. *A paixão segundo G.H.*. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

_____. *Perto do coração selvagem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. *Um sopro de vida*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

LUKÁCS, Georg. *A teoria do romance*. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2009.

MARCUSE, Herbert. "The german artist novel: introduction". Trad. para o inglês de Charles Reitz. In: *Art and Liberation – Collected papers of Herbert Marcuse*. Vol. 4. Org. Douglas Kellner. Nova Iorque: Routledge, 2007, pp. 71-81.

MARTINS, Paulo. Uma visão periegemática sobre a écfrase. *Revista Classica*, v. 29, n. 2, pp. 163-204, 2016.

NUNES, Benedito. *O drama da linguagem: uma leitura de Clarice Lispector*. São Paulo: Editora Ática, 1995.

OLIVEIRA, Solange Ribeiro de. *Literatura e artes plásticas: O Künstlerroman na ficção contemporânea*. Ouro Preto, Minas Gerais: Editora na UFOP, 1993.

PINTO, Cristina Ferreira. *Perto do coração selvagem: romance de formação, romance de transformação*. In: _____. *O Bildungsroman feminino: quatro exemplos brasileiros*. São Paulo: Perspectiva, 1990, pp. 77-108.

REITZ, Charles. *Art, alienation and the humanities: A critical engagement with Herbert Marcuse*. New York: State University of New York Press, 2000.

RUFINONI, Simone Rossinetti. "O artista perfeito": Clarice Lispector e a poética da inocência. *Remate de Males*, v. 36, n. 2, pp. 357-379, 2016.

SOUSA, Carlos Mendes de. *Clarice Lispector: Figuras da linguagem*. Minho, Portugal: Universidade do Minho, 2001.

WOOLF, Virginia. *O valor do riso e outros ensaios*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.